

PROJETO ARTE NA ESCOLA

José P. da SILVA JR.¹; Katia A. CAMPOS²; Carmen Lúcia de B. LAMBERT³

RESUMO

O Projeto Arte na Escola foi um projeto de extensão executado no triênio 2011-2013 com fomento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Docente, no Programa Novos Talentos. Ele consistiu na oferta de oficinas de artesanato, dança e música em tempo extracurricular para alunos do Câmpus Machado e escolas vizinhas. O objetivo foi levar cultura e lazer para a vivência escolar, principalmente dos alunos internos no câmpus, contribuindo para a formação integral dos adolescentes como cidadãos criativos. A análise do projeto mostrou os resultados positivos não só para os alunos, mas também para a formação de uma visão integrada do técnico e cidadão no câmpus.

INTRODUÇÃO

O projeto Arte na Escola surgiu no IFSULDEMINAS – Câmpus Machado, em 2011, de uma necessidade observada por um grupo de professores a respeito da vivência escolar dos alunos do nível médio de ensino. Verificava-se na ocasião a situação de internato de centenas de alunos, os quais não dispunham de atividades culturais e recreativas em ampla escala que pudessem oferecer uma vivência além daquelas envolvidas com o cotidiano de sua formação acadêmica. Para entender

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Câmpus Machado. Machado/MG, email: jose.pereira@ifsuldeminas.edu.br;

² Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Câmpus Inconfidentes. Machado/MG, email: katia.campos@ifsuldeminas.edu.br;

³ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas – Câmpus Barbacena. Machado/MG, email: carmen.lambert@ifsuldeminas.edu.br.

essa situação, é necessário recuperar um pouco da trajetória que levou à formação dessa instituição.

O IFSULDEMINAS tem uma história recente assim como os Ifs que compõem a Rede Pública Federal de Educação Profissional e Tecnológica. Mas essa nova instituição e, em particular, o Câmpus Machado possuem uma longa história lastreada nas antigas Escolas agrícolas e, posteriormente, agrotécnicas. Como escola agrícola, surgiu em 1957, passando a Escola Agrotécnica em 1979. Em comum, ofereceu, ao longo desse período e até hoje, ensino a partir do modelo escola-fazenda.

Esse modelo de escola foi uma estratégia das políticas públicas frente à realidade da época e a necessidade de levar tecnologia e modernização ao campo. Basicamente, o ensino estava fundamentado na formação pelo trabalho com grande destaque para a produção agrícola e atividade prática. Conseqüentemente, muitas dessas escolas foram implantadas em áreas rurais, demandando o regime de internato. Isso significava que os alunos não só estudavam nessas escolas, mas também moravam nelas. Além disso, esse modelo permitia atender famílias que moravam em regiões distantes, mesmo de outros estados.

A história do Câmpus Machado não foi diferente. São lembradas entre os funcionários, principalmente os mais antigos, as turmas do norte de Minas, por exemplo, as aventuras dos alunos quando visitavam a cidade e as bandas marciais de grande sucesso na região e no Brasil. Infere-se daí, o distanciamento, ou quase isolamento, dos alunos em relação à área urbana, as dificuldades de inserção cultural e a percepção de que o tempo livre dos alunos precisava de alguma forma ser planejado. Imagina-se a dificuldade, em décadas passadas, de acesso a essa área urbana central, que é de 5 km aproximadamente.

Atualmente, entretanto, a complexidade da situação produz novos problemas. De um lado, a composição das turmas se torna cada vez mais diversa, não só pela variedade de cursos como pela origem dos alunos, em sua maioria urbana. Além disso, boa parte dos alunos já são provenientes de Machado, sem falar da realidade da comunicação hoje em dia desfazendo os limites impostos pela distância geográfica. Nesse sentido, pode-se falar de um aluno bem mais exigente e também mais suscetível aos riscos que essa modernidade proporciona.

Mesmo diante de cenário tão diverso, o regime de internato permanece, o que permite ao Câmpus atender um número significativo de alunos de outras cidades,

que sem a moradia dificilmente poderiam estudar ali. Os problemas verificados, entretanto, decorrem em parte dessa situação de internato e, por outro lado, do modelo ainda vigente de escola-fazenda. Quanto a este último, o Ministério da Educação publicou interessante estudo, em 2009, que trata das renovações evoluções a se fazerem nas escolas-fazendas e no ensino técnico em agropecuária de forma a atender plenamente ao Estatuto da Criança e do Adolescente e à Lei de Diretrizes e Bases. O estudo se intitula *(Re)significação do Ensino Agrícola da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica* (BRASIL, 2009).

Soma-se a essas questões a opção pelo ensino profissionalizante integrado ao ensino médio, o que significa não só a formação para o trabalho mas também a formação do cidadão, o que coloca em uma nova perspectiva o regime de internato. Uma vez que o aluno mora no câmpus, tornou-se claro para os professores, e em particular para os que desenvolveram o projeto Arte na Escola, a necessidade de se contemplar não só sua formação acadêmica mas também a formação do cidadão e seu direito de acesso à cultura, previsto no artigo 215 da Constituição Federal: “O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.” (BRASIL, 1988).

Em outros termos, acentuou-se a percepção de que o estudante de um curso técnico era também o adolescente que se preparava para o exercício pleno da cidadania, com todas as dimensões que isso envolve, inclusive a cultural. Logo, o problema enfrentado poderia ser formulado da seguinte forma: como garantir ao aluno que reside no câmpus o direito do acesso à cultura? Ou de outra forma: como planejar ações institucionais que garantam ao adolescente em regime de internato o direito de acesso à cultura como previsto no Estatuto da criança e do adolescente? Quanto a este documento, vale destacar o artigo quarto deixando bem clara as obrigações do Instituto: “Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária”. (ECA, 1990)

O projeto Arte na Escola foi uma das respostas a esse problema e contribuiu para que essa visão integrada do ensino e da cidadania fosse desenvolvida. Na realidade, ele se soma também a diversas ações que apontam nessa direção da

integração não só do ensino mas também da visão integral do ser humano. Podem ser citados, por exemplo, o curso Projeto Ensino Integrado, promovido pela Pró-Reitoria de Ensino do IFSULDEMINAS, e a reformulação dos Projetos Pedagógicos de Curso, realizadas em 2012, no Câmpus Machado. Uma das modificações significativas foi a redução da carga horária, o que possibilitou receber os alunos no turno da tarde da segunda-feira e dispensá-los da tarde de sexta-feira para que possam retornar a suas cidades e voltar à sua convivência de origem por um tempo maior durante a semana.

MATERIAL E MÉTODOS

O projeto em 2010 concorreu a fomento externo participando do edital Novos Talentos, lançado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), e conseguindo a aprovação para sua execução. Foi possível adquirir o material de consumo necessário para as oficinas bem como para as apresentações. A contrapartida do Câmpus Machado foi a cessão dos espaços como salas de aula e salão para dança e o fornecimento de transporte para as apresentações. Além disso, o projeto contou com a participação de alunos dos cursos de licenciatura e professores voluntários do câmpus em sua execução.

No ano de 2011, o projeto propiciou 120 vagas destinadas aos alunos do ensino técnico da instituição, distribuídos em oficinas de dança de salão e moderna, oficinas de crochê e tricô e customização de sandálias, além das oficinas de violão. No ano seguinte, as oficinas foram repetidas e, em 2013, continuaram as oficinas de dança e artesanato. Ao longo dos três anos foram 336 alunos atendidos.

Além das oficinas, o projeto contou com apresentações e exposições, que ocorreram não só no câmpus, mas também em eventos em escolas de Machado além de datas festivas e desfiles comemorativos. Os alunos da oficina de dança apresentaram-se também em Inconfidentes (MG) por ocasião da 5ª. Jornada Científica do IFSULDEMINAS, em 2013.

Os alunos escolhiam e frequentavam as oficinas voluntariamente sendo apenas exigida a assiduidade para a permanência na vaga. Em alguns momentos, foram respondidos questionários e entrevistas para que a equipe executora pudesse avaliar as atividades e conhecer os desdobramentos do projeto na vida escolar dos participantes. Essas informações permitiram uma avaliação mais detalhada do projeto embora não tenham se prendido ao rigor metodológico da análise social ou

psicológica. Os resultados foram coligidos no Relatório Final de Atividades 2011-2013, entregue à Capes como exigência do edital e forneceram informações relevantes que passam a ser discutidas a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De modo geral, percebeu-se grande motivação e interesse nos alunos participantes, tanto pela assiduidade como pelos relatos colhidos pelos executores do projeto. Ficou nítido que havia grande demanda de atividades que pudessem preencher o tempo desses alunos sem que fossem diretamente relacionadas aos cursos que faziam, ou seja, havia uma carência de experiências de lazer e cultura principalmente para os alunos que moravam no câmpus. Isso demonstrou que a análise inicial dos professores envolvidos, de que a formação do cidadão em suas múltiplas dimensões, em especial a do aluno interno privado de seu meio cultural de origem, deve ser um compromisso institucional estava correta.

Os aspectos lúdicos e sociais envolvidos nas oficinas foram determinantes, criando vínculos de amizade e uma valorização do ambiente do câmpus não só como escola mas também como local de convivência e de atuação sociocultural. Para muitos que participaram, as oficinas diminuíram a insatisfação causada pela distância de casa e pelo ócio no tempo livre e, conseqüentemente, a evasão.

Muitos alunos relataram que participação das oficinas ajudou a permanecer no câmpus porque não só formavam laços de amizade fora dos ambientes de ensino mas também contribuiu para desenvolver uma relação mais aprofundada com a escola. Embora o objetivo do projeto não fosse aprofundar esse aspecto sociológico, o conceito de pertencimento ajuda a esclarecer o sentimento externado pelos alunos. Por pertencimento, podem-se entender “os laços pessoais de reconhecimento mútuo e no sentimento de adesão a princípios e visões de mundos comuns, que fazem com que as pessoas se sintam participantes de um espaço-tempo (origem e território) comum”. (MOURÃO, 2005)

As apresentações em grupo, momento em que os alunos representavam a instituição, deixava bem clara essa identidade assumida pelos alunos aprofundando a noção de pertencimento a comunidade do Câmpus.

Além disso, as oficinas colaboraram também para desenvolvimento de hábitos em relação aos próprios estudos. Destacaram-se nesse sentido as oficinas de artesanato que produziram efeitos positivos em relação ao trabalho em equipe,

além de melhorar a atenção e a organização nas atividades escolares. Enquanto as oficinas de dança tiveram importante papel na superação da timidez e na melhora da relação entre gêneros, superando preconceitos e acentuando o respeito mútuo.

CONCLUSÕES

O Projeto Arte na Escola encerrou-se em 2013, após ter sido estendido por dois anos além da previsão inicial. Para os executores seus objetivos foram plenamente alcançados e colaboraram para um passo definitivo em relação à institucionalização das ações voltadas para a cultura e o lazer. Hoje o câmpus investe recursos próprios e de maneira sistemática atendendo à demanda dos alunos e garantindo o acesso não só à profissionalização mas também à cultura e ao lazer como direito fundamental do adolescente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Presidência da República. Casa Civil. Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 5 ago.2014.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Presidência da República, Casa Civil. Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>. Acesso em: 10 ago. 2014.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **(Re)significação do Ensino Agrícola da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica**. Brasília, DF, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?gid=6470&option=com_docman&task=doc_download>. Acesso em: 10 ago. 2014.

MOURÃO, Laís. Pertencimento. **Centro de Educação Transdisciplinar**. Brasil. 2005. Disponível em: <http://cettrans.com.br/artigos/Lais_Mourao.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2014.